

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
BERNARDO SASSETTI – A MÚSICA COMO FICÇÃO
18 de Janeiro de 2022

AS TERÇAS DA BAILARINA GORDA / 2000

Um filme de Jeanne Waltz

Realização: Jeanne Waltz / **Argumento:** Jeanne Waltz / **Direcção de Fotografia:** Paulo Ares / **Música Original:** Bernardo Sasseti / **Som:** Nuno Carvalho e Joaquim Pinto / **Montagem:** Jeanne Waltz / **Interpretação:** Luísa Salgueiro (Luísa), Cândido Ferreira (ex-marido), Francisco Nascimento (filho), Vanessa Dinger (nora), Ana Bustorff (amiga), Marcello Urgeghe (jardineiro), Marina Nabais (bailarina), etc.

Produção: Joaquim Pinto / **Cópia:** 35mm, colorida, falada em português / **Duração:** 21 minutos / Inédito comercialmente.

FACAS E ANJOS / 2000

Um telefilme de Eduardo Guedes

Realização: Eduardo Guedes / **Argumento:** Vicente Alves do Ó e João Alfacinha da Silva / **Supervisão de Argumento:** Carlos Saboga / **Direcção de Fotografia:** José António Loureiro / **Música Original:** Bernardo Sasseti / **Som:** Carlos Pinto / **Montagem:** João Braz / **Realizadora de 2a Equipa:** Ann Guedes / **Interpretação:** Miguel Moreira (João), Carla Bolito (Dolores), Raul Solnado (Catita), Ana Bustorff (Matilde), José Raposo (Contreiras), David Almeida e Rui Fernandes (anões), Manuel João Vieira (ilusionista), José Mora Ramos (João Severo), Teresa Roby (Emília), Rodrigo Névoa (Miguel), Sofia Leite (Leonor), artistas do circo Soledad Cardinali, etc.

Produção: SIC Filmes – Animatógrafo II / **Produtores Delegados:** Emídio Rangel e António da Cunha Telles / **Cópia:** Betacam digital, colorida, 92 minutos / Exibido pela SIC, inédito em salas de cinema.

As Terças da Bailarina Gorda foi a última curta-metragem de um período em que Jeanne Waltz, com a pendular regularidade de praticamente um filme por ano, se dedicou ao formato curto. Uns anos depois deste título viriam as suas duas primeiras longas-metragens, **Daqui Pr'a Alegria** e (num regresso à sua Suíça natal) **Nada Meiga**. Como todos os filmes de Waltz, possui uma nada despicienda singularidade. Com a marcação da passagem do tempo a ditar o ritmo (os "cartões" com a data das sucessivas terças-feiras), o título é uma descrição quasi-fiel do que se passa no filme,

centrada numa personagem de ex-bailarina (Luísa Salgueiro) que entretanto envelheceu, teve filhos, ganhou peso, passou a ter que se preocupar com o neto, a entreter o filho e a nora em jantares, a ouvir as amigas e os amigos em lamentações e teorias mais ou menos disparatadas. Numa espécie de "off", dá lições de dança; e, depois do preâmbulo com um pequeno número de bailado mostrado (e muito bem filmado) de cabo a rabo, o filme conclui-se com três ainda mais jovens bailarinas. Uma delas (a que fica), é descrita no genérico final assim mesmo, "a que fica" - e este é provavelmente o objecto do filme de Waltz: o que fica, quem fica.

Não sendo propriamente um projecto pessoal de Eduardo Guedes, **Facas e Anjos** acaba, curiosamente, por reflectir algumas das preocupações temáticas mais recorrentes da obra do cineasta – o que, por outro lado, talvez sirva para explicar por que motivo Eduardo Guedes se identificou tanto com o argumento escrito por Vicente Alves do Ó e João Alfacinha da Silva. Mas parece certo, perante **Facas e Anjos**, que de entre todos os elementos contidos no guião, Eduardo Guedes "puxou" mais quer pelo tema da errância (física e espiritual) quer pela ideia de uma contiguidade entre um espaço quotidiano e um espaço mágico. O próprio imaginário do circo, enquanto território "móvel" e em permanente deriva, e enquanto lugar dominado pelas máscaras e pela representação, já fizera pairar a sua sombra, mesmo que de maneira meramente referencial, sobre a obra de Eduardo Guedes. **Facas e Anjos** constituiu, no entanto, a primeira oportunidade para o realizador condensar todas essas características e fazer um autêntico "filme de circo".

Dito isto, não se tenha a ilusão de que **Facas e Anjos** se trata de um filme de autor, ou de que o seu autor "supremo" seja Eduardo Guedes. Nota-se o dedo do realizador (pelo que já se disse e pela "assinatura" visual claramente estampada nalguns planos, por exemplo os de Carla Bolito no trapézio) mas parece evidente que este é o filme mais *condicionado* de toda a sua obra. Condicionado por um "projecto global" que o ultrapassa (o projecto "SIC Filmes", tentativa de construção de um simulacro de indústria cinematográfica dentro da televisão) e condicionado pelo mecanismo de controlo através do qual a estratégia de produção que lhe está subjacente se preserva: o argumento. É dentro do (pouco) espaço que este aparelho lhe concede que Eduardo Guedes tem que trabalhar e procurar encontrar o seu lugar – condições, dir-se-á, análogas àquelas em que trabalhavam os realizadores do cinema americano clássico, mas com a diferença, nada dispicienda, de que a Hollywood clássica tinha não só muito melhores argumentistas como uma concepção menos redutora do que é, ou do que deve ser, um filme.

Que Eduardo Guedes encontre o seu lugar – e seja capaz de o explorar com um mínimo de coerência – dentro deste espartilho, eis o que constitui a derradeira prova do seu valor como cineasta. Ver, por exemplo, como contrapõe uma certa secura de planificação e montagem ao excesso de rodriguinhos sentimentais (uma secura que pode passar pela elipse pura e simples, que é como se resolvem e o acidente e a morte da personagem de Carla Bolito), ou como investe de modo decisivo na energia dos actores, mesmo dos secundários (e neste caso quase como uma forma de "abrir" o filme, de lhe pontuar a respiração). É quando se sente essa respiração, quando se pressente a existência de um olhar de cinema a quebrar a placidez das rotinas televisivas, que **Facas e Anjos** é melhor – e mais fiel ao legado cinematográfico que Eduardo Guedes nos deixou.

Luís Miguel Oliveira